



## SUMARÉ

**A** 18 DE AGOSTO de 1898, a Companhia Ferro-Carril Carioca obteve, pelo Decreto municipal n.º 552, autorização para prolongar as suas linhas de bonde do morro de Santa Teresa até à Tijuca.

O mirabolante projeto consistia na construção de uma linha de tração elétrica que, partindo da Lagoinha, e daí subindo o rio Trapicheiro, iria ter às nascentes do rio Carioca, donde, procurando a divisão de águas na encosta do Jardim Botânico, chegaria à garganta do Munganga, formando assim a linha tronco. Desta garganta, atravessando as nascentes do rio São João, a linha se ramificaria, indo um ramal para o Alto da Boa-Vista, na Tijuca, pelo vale do Arunganga, e o outro, na mesma direção do primeiro, pelo lugar denominado Mesa do Imperador, donde partiria um sub-ramal para o Jardim Botânico, pela estrada de Dona Castorina. Da linha que se dirigisse pela Mesa do Imperador ao Alto da Boa-Vista, sairia, no lugar conhecido por Lam-



pião Grande, outro sub-ramal, em direção à praia da Gávea, passando pela Cachoeira e Cascata Grande, e, ainda, em frente ao antigo Hotel Itamarati, partiria outro sub-ramal que iria ter ao portão da chácara Mayrink, na Cascatinha.

Nada se fez durante oito anos; mas, a 15 de junho de 1906, havendo a Prefeitura aprovado os estudos e plantas da linha, deu a Companhia início imediato às obras, inaugurando, no dia 10 de novembro, o primeiro trecho, da Lagoinha ao lugar denominado Sumaré, a 325 metros de altitude.

Aí, numa esplanada obtida com o desmonte de 18.000 m<sup>3</sup> de terra, foi edificado um pitoresco restaurante, também inaugurado nesse dia.

Os trabalhos de construção da linha, sob a responsabilidade do presidente da Companhia, Francisco Casemiro Alberto da Costa, tiveram a direção técnica dos engenheiros Arthur da Silva Pinto e Raymundo Floresta de Miranda.

Este arrojado cometimento teve, infelizmente, efêmera duração, pois, no ano seguinte — 1907 — foi êle causa de um dos mais rumorosos pleitos judiciais travados no Fôro desta Capital, envolvendo, de um lado, o Sr. Casemiro da Costa, e de outro o seu velho amigo de 35 anos, o Dr. Joaquim Murtinho, grande acionista da Companhia. Em consequência, paralisou-se o tráfego, ficando tudo em abandono, sendo afinal declarada caduca a concessão.

Eis o que escreveu Olavo Bilac, a respeito da suntuosidade dos panoramas que se descortinavam nesse passeio.

“Fui ontem, pela primeira vez, ao Sumaré, e ainda tenho os olhos encantados, deslumbrados, cheios da visão da mais bela paisagem que êles até hoje viram. Sumaré é a primeira estação da estrada que o Sr. Casemiro da Costa está construindo, em prolongamento da Ferro-Carril Carioca, desde Dois Irmãos até Tijuca — estrada que vai definitivamente entregar ao regalado gôzo dos turistas, dos artistas e de toda a população, essas incomparáveis florestas que cingem, com o seu imenso e estupendo bálteo de esmeraldas, a cidade do Rio de Janeiro. Sumaré já é uma conquista maravilhosa. O panorama, que de lá se avista, é único e surpreendente. Diante daquela infinita extensão de águas, de terras, de montes, de céu, não há palavras com que a alma exprima o que sente: o assombro emudece, a admiração paralisa, o êxtase domina quem contempla aquilo; a impressão não é somente de prazer: é também de um respeito religioso, de uma adoração enlevada, diante daquela grandeza e daquela majestade”.

A fotografia mostra uma excursão ao Sumaré, durante a construção da linha, vendo-se ao centro, de chapéu de palha, o Sr. Casemiro da Costa.